

Sem fronteiras

Celso Maria de Mello Pupo

As impressões da meninice são indeléveis. Quantas coisas ouvimos que poderiam ser reproduzidas integralmente, tivéssemos nós meios para fazê-lo. Nunca nos desapareceram atos que marcaram a memória, visuais uns, auditivos outros, parecendo que ontem os vimos e ouvimos.

Há meio século, quando se procurava, pelas nove horas de domingo da quaresma, a nossa catedral para atos religiosos, indizível sentir de encantamento dominava; era o ambiente de arte requintada que extasiava o cristão, absorvia, contemplativo, a fiter um poema de entalhes floridos e rendados, como se fora obra prima da natureza que ali estivesse com exuberância de vida, com florescência mimosa e variegada, a formar grinaldas e arabescos, que se entrelaçam e se engrandecem.

Aquele templo magestoso, silencioso e solene, em pouco se enchia, como atraindo populações ávidas do ambiente de paz, sedentas da palavra divina que perdoa, que consola, que encoraja. E no correr da cerimonia, no pulpito alto, o terceiro além daqueles dois que são joias de labor de artista entalhador, surgia uma figura imponente, de beleza máscula mas suave e acolhedora; seu olhar era amigo, seus gestos dominadores, sua palavra empolgante.

E toda a igreja, velhos e crianças, modestos ou de requintado vestir, concentrava-se naquela figura impar que discursava; o exórdio prudente e claro fazia-se seguir de exposição que confundia, que convencia, que entusiasmava, que assombrava, ou que compungia pelas tintas negras da desesperança; mas o epílogo era de luz, era de consolo, era de fé, pleno do amor e da caridade de um coração aberto que falava aos pecadores, de um amplexo amigo, de um doutrinar para o universo e de um agir sem fronteiras.

Era Dom Nery.

Mas do passado ainda restam germinações das sementes de uma doutrina de "verdade, de justiça, de amor" que o bispo pregava no pulpito ou fora dele, na sua vida missionária, nas suas amizades universalizadas, na sua caridade sem fronteiras que sempre tem viceja em Campinas.

Já vão longe os tempos que, com a propaganda republicana e positivista, imbuíam-se os homens de uma convicção libertária das coisas do espirito, blasonando um materialismo exterior, que estava em moda, mas sem deixar, intimamente, a Igreja, consentindo, na religião dos fi-

lhos e da esposa, realizando, para os seus, os atos sacramentais, mas exteriorizando um pensar livre, até a hora extrema quando a consciência se agita e o temor de Deus impera.

Considerava-se então, decadente a Igreja, como se a promessa do Cristo se desmentisse a si própria, abandonando a humanidade; e nas missas está um testemunho.

Se do oitocentismo era o hábito de se aprofundarem no latim aos primeiros estudos de nível secundário, permitindo uma participação na missa, ao aproximar-se a passagem do século foi-se extinguindo esta participação até que, no primeiro quartel do atual, a assistência à missa, pelos homens, constituía-se apenas da sua presença na igreja, sem integração nos atos e orações.

Mas a Igreja não decaía; universalizada era a razão última de uma convicção adormecida; a fé coexistia com uma exteriorização de incredulidade que o respeito humano alimentava. E um melhor conhecimento doutrinário se veio difundindo, levando católicos às missas com seus missaes, até a missa em vernáculo com que o Concílio interrompeu esta evolução lenta, revolucionando a assistência que se transformou profundamente passando a ser uma só e alta voz, ouvida durante o sacrifício nos dias de hoje.

Nesta força do Concílio que parece rasgar novos horizontes; em modorrenta tarde de domingo, dia das refeições tardias e abundantes, dia das sextas mais profundas e necessárias, aventurou-se alguém a falar para auditório numeroso, variado, indistinto nos seus níveis, com pobres bem vestidos e graudos em mangas de camisa. Foi um moço grisalho, simpático, de falar elegante, dicção clara com um pouco de carioca, que desafiou o sono das horas dezesseis de muitos dos seus admiradores e de outros que o vinham conhecer; era Frei Bernardo que soube prender, encantar, absorver, distribuindo semente prolífica em boa terra sem espinhos, sem pedreiros, sem pisaduras.

Em sua introdução na qual resumiu a sua tese, em seguida magistralmente desenvolvida em três partes de detalhes e explicações, cuidou o orador da atuação cristã no mundo de hoje; fundamentou-se em decisões do Concílio Ecumênico, discorrendo sobre uma das problemáticas mais ricas, e da interpretação teológica. No mundo que tomou consciência de seu "dinamismo perpétuo e de sua unidade", o Concílio considerou a Igreja como fruto supremo da história e como o grande sinal de união com Deus e da unidade

de todo o gênero humano, frase esta que constituiu o objeto do conferencista, que logo destacou a universalidade da Igreja como se fora ela uma nova descoberta que fez a constituição de novembro de 1964, a Lumen Gentium.

O qualificativo de católica estava há muito entendido como significativo de uma determinação da religião, designando mesmo a fidelidade a certas normas, sem uma universalidade no comportamento sociológico dos católicos que se fechavam, às vezes, dentro de limites associativos ou circunscritos à vida religiosa. Bem, estavam os frequentadores da missa dominical; os impossibilitados da frequência às reuniões e aos círculos, já se colocavam em segundo nível, apreciando-se a santidade como dependente de uma vinculação maior às instituições religiosas.

Destruíram-se esses limites, essas fronteiras, "ascentuando a nota de universalidade, exigindo que a catolicidade se torne a característica viva do comportamento dos cristãos", "universalidade real do cristianismo da Igreja", por não se tratar de uma religião particular, mas na realidade, de uma mensagem de salvação dirigida a todos os homens, como é realmente o cristianismo, destinado à humanidade inteira.

A vontade de Deus é de salvação para todos os homens e essa vontade salvífica se traduz em realidade de gesto universal, como é a sua própria natureza, fiel à verdade, à justiça e ao amor, fidelidade acessível a todos os homens, gestos pelos quais todos os homens se podem tornar agradáveis à Deus e pertencem à Igreja, pelo menos à Igreja dos fins dos tempos; o que mede a filiação à Igreja, não é agregação, mas a fidelidade inteira "à verdade, à justiça e ao amor".

Salvação e santidade transpuzeram todos os muros, para se "derramarem nas ruas, nas fábricas, nas lojas, nos lares e nos clubes; em toda a parte onde vivem os cristãos, vive a Igreja, floresce. a santidade ou, pelo menos, revive germinalmente a santidade".

Em sua, o que se pede ao homem para que seja cristão e santo, não é um determinado comportamento sociológico, senão a caridade, um amor verdadeiramente universal. Os cristãos não devem agir em separado, mas em comunhão com os outros homens; não se pode admitir que a ação cristã constitua um mundo a parte; neste sentido, não há fronteiras entre a Igreja e o mundo.